

COLONIALISMO/ORIENTALISMO: FIGURAS E FIGURAÇÕES DO IMPÉRIO EM NARRATIVAS DO PASSADO E DO PRESENTE

Tanto no centro como nas periferias do mundo, o século XXI tem sido pródigo na divulgação de sinais que ilustram a continuidade da dinâmica imperial e a sua aptidão para perpetuar velhas contradições. Na precisa linguagem de Edward Said, a permanência de valores e sentidos carregados de “alusões imperiais” indica-nos a sua capacidade de inserção e o poderoso significado do que ele denominou “estrutura de atitudes e referências” (1995, p. 99), isto é, um conjunto de remissões ao império que, penetrando no imaginário, confirmam os vínculos diretos entre cultura e política imperial. Estamos ainda, pois, perante um modo de vida que tem dilatado o já tão prolongado período dos sistemas coloniais que ordenaram o planeta.

Pensadores como Achille Mbembe, Amílcar Cabral, Franz Fanon, Jean-Paul Sartre, Michel Foucault, Ruy Duarte de Carvalho e Valentin Mudimbe, para citar apenas alguns nomes associados a experiências tão diversas no tempo e no espaço, convergem na convicção de que a era dos impérios não estaria encerrada com a retirada do último soldado das terras ocupadas.

Outras formas de opressão haviam se definido e prorrogariam os mecanismos de poder adiando o mais possível as efetivas possibilidades de resposta à supremacia cuidadosamente plantada — alerta importante presente em muitas de suas obras que propiciam um profícuo diálogo com as ideias tão bem trabalhadas em *Cultura e imperialismo*, obra fundamental, que este ano está completando 30 anos. Uma boa maneira de saudar o seu lançamento e a relevância de seu autor é, sem dúvida, recordar alguns de seus pressupostos tão úteis ao debate do presente. No conjunto de seus capítulos, podemos perceber a substância do pensamento e da prática orientalistas e as tentativas de contraposição por parte dos invadidos, apreendendo nos jogos de construção de identidades e alteridades o caráter sistemático dos investimentos na afirmação dos impérios modernos e o peso da interdependência que rege a história das metrópoles e das colônias. Com Said, é possível examinar como as questões envolvendo a cultura, com grande peso na literatura, compõem um terreno essencial para a compreensão da contemporaneidade.

As balizas oferecidas por nomes como Chinua Achebe, John Maxwell Coetzee, Mia Couto, Milton Hatoun, Ousmane Sembène e Ruy Cinatti, aqui visitados, além dos nomes anteriormente citados, ajudam-nos a refletir sobre a concepção do presente como um tempo marcado por uma incontestável hibridez de experiências históricas e culturais e a ver na literatura

o contraponto ao discurso de legitimação da civilização ocidental. Alguns abalos nessa crença ganharam densidade nos combates anti-imperiais, cujo exemplo mais evidente podemos encontrar nas lutas de libertação nos continentes africano e asiático. A derrota do colonialismo em algumas regiões, o destaque que vem ganhando a questão da Palestina, assim como as feridas abertas pelos movimentos migratórios para o hemisfério norte — fatos que nos levam a pensar na hipótese de outras ordens — reverberam na vida literária e provocam a abertura de novas perspectivas epistemológicas para a análise das produções culturais.

Muito embora o olhar de Said tenha recaído preferencialmente nos impérios britânico e francês, os postulados de seu pensamento não entram em choque com a trajetória imperial portuguesa. Associado, desde sempre, à fundação da nacionalidade lusitana, o Império português constituiu-se, ao longo dos séculos, sob uma atmosfera épica que produziu e reproduziu imagens disseminadas por uma profusão de manifestações culturais que conferiram um enorme vigor ao pensamento orientalista e as suas matrizes nos processos de representação e autorrepresentação. No caso de Goa, Timor e Macau, além das evidências na produção literária, a imposição da presença portuguesa gerou um interesse epistemológico e estético pelo Oriente, que resultará também no florescimento da produção acadêmica, focada nas línguas, literaturas e culturas ditas “orientais”.

Perante a precaridade de recursos materiais, a metrópole soube muito bem dispor da religião e outras fontes ideológicas para afirmar seu direito de ocupar territórios e deles extrair riquezas e valores simbólicos como marcos legitimadores da invasão que se travestia de “descoberta”. O mito imperial buscava justificativa na especial vocação para viver nos trópicos e criar novos mundos, *slogans* que atravessaram épocas e ainda ressoam em discursos pontuados pela nostalgia, apegados a um passado hipoteticamente glorioso. Contudo, conforme defende Eduardo Lourenço, o encontro com o Outro, do lado português, nunca representou uma verdadeira “conversão” ao Outro, uma assimilação que viesse a ter consequências profundas em termos identitários, nem que implicasse uma disrupção ou um acréscimo em termos socioculturais: “O que *fomos como portugueses da metrópole*, o que éramos como donos reais ou potenciais de terras longínquas, ficou separado e separado continuou até ao fim de uma das mais insólitas aventuras colonizadoras do planeta” (2010, pp. 44-45; itálico do autor).

Em toda a sua duração, a ideia de singularidade da colonização lusitana foi cortejada pelo poder oficial como um modo de redimir a brutalidade do projeto colonial. No áspero período do Estado Novo, a alocução das vozes oficiais recebeu um espantoso apoio entre certa intelectualidade, com a adesão, inclusive, de nomes sonantes de fora, como a do emblemático

Gilberto Freyre, quadro que se complementava com o silêncio de tantos escritores que se apartavam do regime, para além daqueles que empenharam seu trabalho na constituição de uma literatura colonial. A prática autoritária do salazarismo articulava-se na defesa da aproximação entre “império” e “pátria” e encontrava abrigo na glorificação do roteiro expansionista. Entretanto, resultantes dos confrontos que necessariamente se ergueram, vamos encontrar vozes que, apostando na mediação e/ou na resistência, denunciam o caráter violento das relações e propõem respostas aos impasses de cariz variado surgidos ao longo da história.

Até o fim dos anos de 1950 da metrópole foram muito raros os gestos de insurgência contra a opressão colonial. Reinava a “paz podre”, a que se referiram alguns escritores mais tarde. Os abalos nesse tecido muito denso efetivamente custariam a chegar e seriam gerados sobretudo a partir dos territórios ocupados. Hoje, passadas as décadas que marcaram o fim da guerra colonial e a entrada de Portugal em um outro ciclo, as realidades que se formaram convidam a novos exames. A leitura do imperialismo, em conexão com os eixos do colonialismo e com o olhar orientalista, ajuda a revelar o legado implícito na expansão, cujos ecos ressoam na recusa e no resgate de figuras e nos processos de figuração, desvelando o passado e o presente que constantemente se cruzam nas sociedades que se formaram dos dois lados.

Os artigos reunidos no dossiê “Colonialismo/orientalismo: figuras e figurações do império em narrativas do passado e do presente”, tendo em vista a base interdisciplinar que a contemporaneidade tem reivindicado de maneira enfática, pretendem oferecer um terreno fecundo para a verticalização do debate sobre o imperialismo em suas muitas faces e as suas tantas expressões. Fundados em um *corpus* variado, os textos procuram desestabilizar a crença cega na estereotipia que busca validar as noções de identidade e alteridade sem levar em conta a força presente nas zonas de fronteira a que se refere Mary Louise Pratt (1999), ou seja, sem considerar os dados decorrentes da ordem assimétrica que ainda recorta o mundo.

Com efeito, a associação entre geografia e desigualdade sintetiza o impacto histórico e os efeitos do império na contemporaneidade. Nos campos político, artístico e científico, como constataam alguns textos deste dossiê, a sede de conquista do espaço alheio e a reivindicação do poderio do espaço próprio orientam, há séculos, a *praxis* da dominação. No plano literário, como já nos mostrava Said em seu clássico *Orientalismo* (2007), a representação do Outro, neste caso os “bárbaros”, mobilizou uma parte significativa da produção literária da Grécia Antiga. Todavia, ainda segundo o teórico palestino, a contraposição entre um “nós” e um “eles” ganha consistência sistêmica com a expansão ocidental no mundo, “ainda em curso” (CARVALHO, 2010). Algumas nuances entre os

grandes blocos ocupados por pessoas, armas e textos podem, além disso, ser rapidamente identificadas. Se a África era ontem e continua sendo hoje, para o olhar orientalista, “uma reserva de horrores e de insalubridades, um continente maldito, teatro do horror absoluto e de uma estupenda selvageria originária”, a Ásia e suas terras foram em grande medida “configuradas no princípio pelas viagens filosóficas e no fim, agora, por pacotes de estadia com café da manhã incluído em lugares confortáveis com varandas viradas para a redenção do exótico” (CARVALHO, 2010, p. 159).

Povoando textos e contextos que confirmariam a superioridade ocidental e a uniformização do Oriente, categoria dentro da qual foram inseridos durante séculos os territórios não europeus, a metodologia imperial inspirará também variadas formas de reação contra-orientalista, que se organizam em diversos pontos do mundo. Agrupados neste volume precisamente pelo critério geográfico, que vai da Ásia às Américas, passando pela África e pelo continente europeu, os artigos ratificam, de diferentes maneiras, uma das mais fecundas hipóteses de Edward Said: além de soldados e canhões, imagens e representações, o império põe em jogo fundamentalmente a disputa pela geografia (SAID, 1995). Em suma, o presente número da *Via Atlântica* procurou sublinhar como o deslocamento espacial de personagens e autores, uma das mais fortes tendências da escrita literária atual, vincula-se também, e como não poderia deixar

de ser, à permanente interrogação produzida pelo império, por suas figuras e por suas figurações, de ontem e de hoje.

Rita Chaves

(Universidade de São Paulo)

Nazir Ahmed Can (Universitat Autònoma
de Barcelona; Serra Húnter Programme)

Catarina Nunes de Almeida

(Universidade de Lisboa,
Centro de Estudos Comparatistas)

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Ruy Duarte de. *Desmedida*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2010.

LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade – psicanálise mítica do destino português*. Lisboa: Gradiva, 2010.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAID, Edward W. *Orientalismo. o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.